



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR –
GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

A influência da escuta atenta e ativa no desenvolvimento emocional de crianças na Educação Infantil: Análise de um caso.

Duartina Ana Dias, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), duartina.dias@ufu.br.
Patrícia Fátima Tavares de Souza Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia-MG,
jasmimdospoetas@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como a escuta atenta e ativa afeta o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, em especial no que se refere ao aspecto emocional. Para isso, partimos da abordagem humanista de Carl Rogers que colabora com o campo da educação, sobretudo no que se refere a aprendizagem significativa. Perpassamos pela concepção de criança/infância que alguns autores elaboraram, assim como a concepção expressa nas Diretrizes Curriculares Municipais de Educação Infantil de Uberlândia – MG, para que se possa compreender a construção histórica desse sujeito até a atualidade. Sendo sujeito de direitos e ativo socialmente, deve, portanto, ter acesso a uma formação integral, inclusive no que diz respeito às emoções. Através do relato de uma professora da Educação Infantil, realizou-se a análise de um caso de uma criança, que passava por um momento de dificuldade emocional em estar na escola. A professora utilizou com essa criança a escuta atenta e ativa, para acolher, validar o que ela sentia e auxiliá-la a identificar esse sentimento e lidar com ele de forma saudável. A partir dessa análise, pode-se concluir que a escuta atenta e ativa de fato desempenha um papel importante para o desenvolvimento holístico das crianças na Educação Infantil. Na medida em que fortalece as habilidades linguísticas e sociais das crianças, também contribui para seu bem-estar emocional, autoestima e motivação para aprender.

Palavras-chave: Escuta atenta e ativa, Desenvolvimento Emocional. Educação Infantil.

Eixo Temático: Processos de formação de mediadores da aprendizagem escolar: docentes, pedagogos e psicopedagogos.

TRABALHO COMPLETO

A influência da escuta atenta e ativa no desenvolvimento emocional de crianças na Educação Infantil: Análise de um caso.

Duartina Ana Dias, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), duartina.dias@ufu.br.
Patrícia Fátima Tavares de Souza Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia-MG,
jasmimdospoetas@yahoo.com.br

Apresentação

No decorrer do trabalho com a Educação Infantil nos deparamos com diferentes desafios: adaptação das crianças ao contexto escolar, organização de um currículo coerente com



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR –
GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

essa fase do desenvolvimento, aperfeiçoamento de metodologias, avaliações, relação com as famílias, a escolha de uma (ou mais) abordagem pedagógica que fundamente o trabalho e que colabore para o desenvolvimento das crianças, dentre outras tantas situações que presenciamos no dia a dia escolar. Nesse contexto, muitas questões habitam o pensamento dos profissionais da Educação Infantil: quais abordagens fundamentam melhor o trabalho para o desenvolvimento integral da criança? Como essas abordagens atravessam as crianças na Educação Infantil?

Decidimos fazer um pequeno recorte em nossa realidade lá no “chão da escola” e colocar o foco sobre um aspecto importante: A escuta atenta e ativa do que a criança tem a dizer a respeito do que sente. Desse modo, propomos a exposição de um caso, com o objetivo de analisar como a escuta atenta e ativa afeta o desenvolvimento pleno da criança, em especial no que se refere ao seu desenvolvimento emocional.

A escuta ativa e atenta desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil, pois é uma ferramenta facilitadora do desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. A disposição de ouvir e responder de maneira atenta e empática às necessidades, pensamentos e sentimentos manifestados pelas crianças é essencial para criar um ambiente de aprendizado eficaz e promove o bem-estar.

Para iniciarmos nossas explicações a respeito da escuta atenta e ativa da criança na Educação Infantil, partimos da perspectiva de Carl Rogers, um psicólogo humanista que traz como abordagem a terapia centrada na pessoa. Essa abordagem é utilizada também no contexto educacional, se configurando na ideia da educação centrada no aluno. A concepção da pessoa como o centro, traz a característica humanista para essa abordagem.

Rogers (1992) colabora com educadores, psicólogos, psicopedagogos e outros profissionais que se ocupam do desenvolvimento infantil, com o conceito de aprendizagem significativa. Quando o aluno se interessa pelo assunto há uma percepção por ele que o assunto é relevante, o que passa a ser importante e significativo aprender.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR –
GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

Essa forma de aprendizagem significativa contempla de maneira holística as potencialidades de aprender da pessoa, considerando os aspectos cognitivo e emocionais. Mesmo que aquilo que será descoberto tenha um estímulo externo, a compreensão da pessoa se dá a partir do que é interno, pois a descoberta, o entendimento e o alcance partem do indivíduo.

A aprendizagem significativa tem um impacto profundo e provoca mudanças no comportamento e nas atitudes daquele que ocupa o lugar de aprender. É avaliada por ele mesmo, pois ele é quem determina se está progredindo em direção ao que deseja saber e ao que precisa aprender, atendendo às suas próprias lacunas de conhecimento. Seu significado é essencial e é construído por meio de sua experiência como um todo. (COSTA e FERNANDES, 2020, p. 23).

Observa-se, portanto que as aprendizagens significativas estão relacionadas às experiências vividas pela pessoa. São as experiências que permitem que a pessoa acesse conhecimentos e consolide aprendizagens, de acordo com seu interesse.

A “invenção” da educação infantil.

Ao recorrermos à História, percebemos que a Educação Infantil, como etapa escolar é uma construção social, sendo inexistente em determinadas épocas. Até o século XIX, o cuidado e a educação da criança eram responsabilidade exclusiva da família. Desse modo a cultura era aprendida pela criança no convívio com os adultos e com outras crianças. (DIAS, 2019).

Entre os fatores que motivaram o estabelecimento de instituições voltadas para o cuidado infantil no Brasil no século XIX, destaca-se a necessidade de prover um local de acolhimento para crianças que eram rejeitadas por suas famílias, bem como para as mães que desempenhavam atividades fora do âmbito doméstico e precisavam deixar seus filhos sob cuidados. Dessa forma, o surgimento das creches no Brasil esteve originalmente associado à assistência às crianças em situação de vulnerabilidade, especialmente as de famílias mais carentes, refletindo um caráter assistencialista. (DIDONET, 2001).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR –
GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

De acordo com Kuhlmann (2001), as evidências históricas mostram estabelecimento de uma relação entre as esferas educacional e assistencial, pois a assistência passou, no final do século XIX, a privilegiar políticas de atendimento à infância em instituições educacionais, como as creches e escolas maternas.

Atualmente, na Educação Infantil, verifica-se um movimento de valorização das abordagens que consideram a criança como o sujeito histórico que de fato é, e por isso, um agente transformador do ambiente do qual faz parte. Olhar para a criança dessa perspectiva lança novos desafios para os profissionais da Educação Infantil, no sentido de ampliar as concepções a cerca desse sujeito. Essas concepções estão presentes tanto no cotidiano escolar, nas formas de avaliação do desenvolvimento infantil e até na construção de currículos e políticas públicas para as infâncias.

Nas Diretrizes Curriculares Municipais da Educação Infantil (DCMEI, 2020) do Município de Uberlândia – MG, ressalta-se que a concepção de criança expressa no documento, está alinhada com a concepção contemporânea de infância, pois reconhece a criança como ser integral, detentora de direitos e capaz de contribuir para a cultura. Além disso, ela é vista como um agente que se envolve com outros indivíduos e com o ambiente a fim de explorar, influenciar e construir interpretações e significados em relação ao mundo que a cerca.

As DCMEI (2019, p. 69) ressaltam o caráter de protagonista da criança no processo de construção da aprendizagem, da importância de fundamentar esse processo nas interações e brincadeiras que se manifestam nas diferentes expressões de linguagem (oral, escrita, artística). É fundamental enfatizar que cada criança é singular e requer um acolhimento que leve em consideração suas características e individualidade, permitindo o florescimento de suas habilidades, ao mesmo tempo em que merece o respeito de todos com quem compartilha o ambiente escolar.

Essas concepções corroboram com a ideia de que ao disponibilizar uma escuta ativa e atenta para a criança, o profissional da Educação Infantil realiza um desdobramento que alcança



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR –
GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

diversas áreas: ele age como um facilitador da aprendizagem na medida em que ouve, acolhe o que ouve da criança, valida o que é falado e tem a oportunidade, enquanto pessoa mais experiente, de mostrar possibilidades para o que a criança venha conhecer.

Isso é um facilitador para o trabalho com as habilidades socioemocionais, pois, sendo esse um aspecto do desenvolvimento, a escuta atenta e ativa, que acolhe, valida e ajuda a transformar, pode afetar positivamente o desenvolvimento emocional da criança. Corroborando com essa ideia, trouxemos um caso, em que é possível verificar na prática os pressupostos que encontramos na teoria.

A escuta a partir do choro de B.

Esse é um caso vivenciado entre a professora Patrícia e a criança B. em uma escola de Educação Infantil de Uberlândia – MG. A convivência dessas duas pessoas se iniciou em 2022 quando B. estava no GI – turno integral (com 1 ano e 7 meses aproximadamente).

B. Era uma criança que se destacava diante das outras com a mesma faixa etária, pois já naquele período apresentava um desenvolvimento cognitivo além do esperado para sua idade, assim como uma excelente memória. B. reconhecia todos os seus pertences, assim como os pertences das outras crianças de sua turma. B. sua oralidade era bastante avançada, de modo que a criança conseguia relatar com detalhes fatos ocorridos em casa e na escola. Era colaborativo em todos os momentos. Durante as contações de histórias se mostrava muito atento. Demonstrava alegria e curiosidade ao brincar e explorar a área externa da escola. Era uma criança tranquila, bem adaptada ao ambiente escolar, aos profissionais e seus pares.

No ano 2023 B. passou para o GII, turno integral e notou-se que sua desenvoltura aparentemente havia estacionado, pois não parecia mais muito curioso com o espaço escolar. Após o 1º bimestre desse ano B. manifestou dificuldade em entrar para a sala, chegava chorando, não queria ficar na escola, permanecendo boa parte da manhã, choroso. A postura de alguns profissionais era de falar que a criança chorava desnecessariamente, dizendo que ele era “grande e não precisava chorar como um bebê”.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR –
GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

A professora Patrícia, após algumas semanas se aproximou de B., em um desses momentos de choro. Ela lhe perguntou o porquê de seu choro. B. respondeu que “queria ficar com a mamãe, o papai e com a vovó” e não queria ficar na escola. A professora escutou e depois lhe disse que “às vezes a gente fica triste mesmo quando tem que ficar longe da mamãe ou do papai”, lhe disse que estava tudo bem ele se sentir assim, que “tudo bem a gente sentir saudades e querer ficar com nossa família.”

Ela realizou uma ação interessante que é mostrar para B. que ela também às vezes sente saudade das pessoas que ama e que estão longe. E que as vezes se sente triste e até com vontade de chorar, e que nem sempre conseguimos fazer o que queremos, mas, apesar disso, poderíamos escolher fazer outras coisas para nos sentirmos melhor. Podemos identificar nessa atitude da professora o que Rogers (2009, p. 327) chama de compressão empática, que é definida por uma postura em que a profissional imerge na vivência de compreender o mundo particular da criança ‘como se’ fosse o seu próprio mundo. “Aperceber-se do quadro de referências interno de outra pessoa, juntamente com os componentes emocionais e os significados a ele pertencentes, como se fossemos a outra pessoa, sem perder jamais a condição de ‘como se’” (ROGERS e ROSEMBERG, 1997, p. 72).

A professora mostra para B. que ao contrário do que outros adultos disseram, todas as pessoas podem se sentir triste. Além disso ela demonstrou que é possível identificar o que se sente e nomear esses sentimentos e emoções. Esse processo é muito importante para que a criança aprenda a lidar com os próprios sentimentos, compreendendo que faz parte da experiência humana sentir.

Houve um acolhimento e a validação do sentimento de B., diante da sua realidade. Além disso, expor algo que os aproxima pode ter ajudado a criança no reconhecimento daquele outro ser humano como alguém que compartilha com ele algo tão importante. Patrícia seguiu a conversa, oferecendo algumas sugestões para que ele pudesse escolher fazer naquele momento: poderia ficar sentado na cadeira; escolher um brinquedo para brincar com os colegas ou ficar



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR –
GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

no colo da professora. B. por algumas vezes escolheu sentar-se um pouco no colo para logo depois iniciar as interações com seus pares e seguir com alegria e espontaneidade o desenvolvimento das atividades propostas para o dia.

Uma questão importante que aparece no relato da professora Patrícia, a respeito da situação vivenciada por B., foi a reação de alguns profissionais adultos ao realizar a interlocução com a criança, na tentativa de eliminar o desconforto no ambiente causado pelo choro, com a fala de que a criança “não precisava ficar chorando, pois já não era um bebê”. Essa é uma fala carregada de uma construção histórica ocidental sobre a criança, cujo objetivo é se tornar adulto, de modo que aquilo que é da infância parece ser inferior.

No livro "História Social da Criança e da Família," publicado em 1960, o pesquisador francês Philippe Ariès observou que a concepção da infância é uma construção histórica. Ele destacou que, por um longo período na história, as crianças não eram percebidas como seres em desenvolvimento, com características e necessidades distintas, mas sim como “adultos em miniatura”. Essa condição era expressa na forma das crianças se vestirem, na participação em reuniões, festas ou outros eventos sociais. Em algumas sociedades os adultos se relacionavam com as crianças sem fazer distinção entre elas e outros adultos, fazendo uso de uma linguagem inadequada e abordando uma variedade de tópicos na presença delas. (ROCHA, 2002, p.55)

Ariès destaca o período entre os séculos XII ao XVII, em sua pesquisa sobre a infância, observando as diferentes concepções no imaginário das pessoas no que se refere aos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, em cada momento histórico. Com isso, ele constatou que a criança, geralmente, era entendida como algo que poderia ser substituído; como agente produtivo com uma função utilitária para a sociedade, ajudando em tarefas domésticas, imitando os adultos em suas funções. Um outro fator relevante era o alto índice de mortalidade infantil, seja por causas naturais ou por infanticídio, pois caso a criança não fosse produtiva, os cuidadores poderiam eliminá-las em busca de outras mais saudáveis ou colaborativas. (ARIÈS, 1981, p. 56).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR –
GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

Havia, portanto, uma precariedade em compreender a criança, especialmente as que estavam dentro da faixa etária do que conhecemos hoje como primeira infância (0 a 6 anos), como um ser de pensamento e sentimento, com potencialidades a serem desenvolvidas e que necessitava de afeto, cuidados e estímulos para seu pleno desenvolvimento. Não estamos dizendo com essa inferência que as profissionais que interpelaram B. a cessar o choro, tenham essas concepções dos séculos XII a XVII. O que estamos dizendo é que a construção histórica está carregada com a ideia de que o objetivo da criança é tornar-se adulto, e que isso implica uma forma de treinamento durante a infância, é muitas vezes presente nas ações das pessoas, inclusive na atualidade.

Felizmente podemos contar com uma infinidade de outras concepções e abordagens que nos auxiliam enquanto sociedade a elaborarmos formas melhores de lidarmos com as infâncias. Além das contribuições das teorias de Carl Rogers, Friedmann (2014, p. 39) também colabora com nossa discussão, no que se refere ao choro, considerando que:

o choro é, talvez, o símbolo mais evidente de tristeza, desamparo, carência, emoção, felicidade e até desabafo ao qual temos acesso e familiaridade. Porém, nossa primeira reação é querer consolar a criança e fazer o possível para que ela pare de chorar quando é, muitas das vezes, tão necessário esse choro para “colocar para fora”, expressar seu estado, seus sentimentos, suas reações.

Há o reconhecimento do choro como manifestação de sentimento e emoções, portanto sua validação é importante para que a criança construa a concepção de que o choro não é negativo e deva ser suprimido ou evitado, mas que muitas vezes o choro faz parte do sentir.

De acordo com Piaget (1994) sabe-se que as crianças, enquanto desenvolvem sua inteligência, também avançam em áreas como a socialização e a afetividade. Portanto, uma educação que se propõe integral, deve abranger os aspectos cognitivos, emocionais e morais, de modo a fortalecer a criança no que se refere às suas habilidades socioemocionais.

A escola, sendo um ambiente onde as crianças passam a maior parte do tempo, desempenha um papel fundamental na promoção de habilidades e comportamentos adaptativos e saudáveis. A exploração, a comunicação e a compreensão de nossas emoções desde a infância



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR –
GEPPE**

**VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
*O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade***

são contribuições valiosas para o desenvolvimento integral da pessoa. À medida que as crianças identificam e compreendem suas emoções e sentimentos, elas podem iniciar o processo de autoconhecimento, autocontrole, empatia e compaixão, o que as habilita a enfrentar com resiliência e equilíbrio os desafios da vida (SCHWARTZ, LOPES e VERONEZ, 2016).

Importante dizer que a professora relatou à mãe de B. como a criança se sentia na escola, sobre o choro e sua fala. Na conversa, a mãe parecia preocupada com o que foi relatado sobre a criança. Nesse momento a professora respondeu que é importante que a mãe tivesse paciência, pois momentos de “turbulência” ou de crise, fazem parte do desenvolvimento infantil. Que o importante era que B. se sentisse aceita e amada. Nos dias que se seguiram, a mãe foi sendo consultada, e esclarecendo que notava uma diferença positiva no comportamento de B, no que se referia a ir e permanecer na escola.

Considerações finais

Mesmo Rogers considerando que o aluno ocupa posição central na aprendizagem, não se pode deixar de compreender que o professor é também afetado pelas experiências pedagógicas que vivencia com os alunos. Observando e vivenciando a transformação dos alunos o professor se transforma também e, conseqüentemente, o seu fazer pedagógico.

A partir da necessidade expressada por B foram desenvolvidas atividades com a turma para estimular todas as crianças a pensarem e a sentirem suas emoções, exercitando seu reconhecimento através de vídeos, histórias, diálogos e brincadeiras, oportunizando momentos para que pudessem dizer, em grupo ou individualmente, como se sentiam. Nesse sentido essas vivências contribuíram com o repertório e aprendizado dos pequenos. Consideramos que a empatia se relaciona com uma escuta ativa e atenciosa, e isso é essencial para o crescimento emocional na relação, neste caso especificamente, professor-aluno.

Por fim, a escuta atenta e ativa desempenha um papel crucial na promoção do desenvolvimento holístico das crianças na educação infantil. Ela não apenas fortalece suas habilidades linguísticas e sociais, mas também contribui para seu bem-estar emocional,



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR –
GEPPE

VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade

autoestima e motivação para aprender. Educadores que praticam a escuta ativa estão bem-posicionados para criar um ambiente de aprendizado enriquecedor e sustentável para as crianças.

Vivenciar, conversar e entender sobre nossas emoções, desde a primeira infância, contribuem para o desenvolvimento integral da pessoa. À medida que as crianças identificam suas emoções e sentimentos, podem iniciar o exercício do autoconhecimento, do autocontrole, da empatia, compaixão e assim encarar de maneira resiliente e equilibrada as dificuldades da vida.

Referências

- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- COSTA, C. M. FERNANDES, R.S. Aprendizagem centrada na pessoa: a atualidade da proposta educacional de Carl Rogers. **Comunicações Piracicaba**, v. 27, n. 2, p. 21-4. maio-ago. 2020.
- DIAS, D.A. **Inclusão da criança com deficiência na Educação Infantil: uma análise da Base Nacional Comum Curricular. Inclusão da criança com deficiência na Educação Infantil**: uma análise da Base Nacional Comum Curricular. TCC (Trabalho de conclusão do curso de Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia MG. 2019.
- DIDONET, V. Creche: a que veio, para onde vai. In: **Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Brasília, 73(18), 11-28. 2001.
- FRIEDMAN, A. **O universo simbólico da criança**. Petrópolis: Vozes. 2005.
- KUHLMANN, M., Jr. O jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XX. In: Monarcha, Carlos (Org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas/SP: Autores associados. 2001.
- PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus. 1994.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR –
GEPPE

VIII CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
IV ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR
O lugar do aprender e do ensinar no contexto da diversidade

ROCHA, R. de C. L da. História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes. **Analecta**. Guarapuava, Paraná, v. 3, n. 2 p. 51-63 jul - dez. 2002.

ROGERS, C. R. ROSENBERG, R. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977.

ROGERS, C.R. **A Terapia Centrada no Cliente**. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. Trad. Manuel José do Carmo Ferreira. 2009

SCHWARTZ, F. T. LOPES, G. P. VERONEZ, L. F. A importância de nomear as emoções na infância: relato de experiência. **Psicol. Esc. Educ**, v.20, n.3, Sep/Dec 2016.

UBERLÂNDIA. Prefeitura. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares Municipais de Uberlândia. Volume 1 - Educação Especial**. Uberlândia:Secretaria Municipal de Educação. 2020.

Palavras-chave: Escuta atenta e ativa, Desenvolvimento Emocional. Educação Infantil.

Eixo Temático: Processos de formação de mediadores da aprendizagem escolar: docentes, pedagogos e psicopedagogos.